

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“Em Portugal, o passado ditatorial tem repercussões muito visíveis quando os movimentos sociais tentam colocar determinadas agendas na esfera pública, governamental e midiática”

CARLA CERQUEIRA

Marcas da ditadura em Portugal

José Cristian Góes¹

Depois de passar por uma das mais longas ditaduras da Europa, Portugal ainda sente seus reflexos, mesmo 43 anos depois, em especial nas temáticas que envolvem os Movimentos Sociais, as mídias e a igualdade de gênero. Essa é uma das percepções da professora Carla Cerqueira, da Universidade Lusófona do Porto, e que realiza pós-doutoramento na CECS (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade) na Universidade do Minho. Ela colabora com vários movimentos sociais de direitos humanos, integra o Conselho de Opinião da RTP (Rádio e Televisão de Portugal) e foi vice-presidente da Secção de Gênero e Comunicação da Associação Europeia de Investigação em Educação e Comunicação. Carla diz que Portugal ainda se constitui uma sociedade com histórico machista, e com pouca compreensão qualificada nas mídias sobre os movimentos de igualdade de gênero. Apesar de avanços, o espaço midiático português visibiliza desigualdades sociais e as legitima, com discursos sexistas, xenóbofos, racistas.

¹ Jornalista, mestre em Comunicação/UFS (Criminalização da pobreza no jornalismo) e é doutorando em Comunicação na UFMG, com estágio doutoral na Universidade do Minho, em Braga, Portugal. É militante social no campo da Comunicação e investiga sobre jornalismo, identidades e a construção do visível e do invisível. E-mail: cristiangoes_brasil@yahoo.com.br

Como você entende o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos?

Na minha leitura devemos olhar para os movimentos sociais enquanto expressão organizada da sociedade civil, que visa colocar determinadas questões no espaço público, que luta contra diversas desigualdades e exclusões. Hoje em dia, a reivindicação pública em torno de determinadas questões parece estar mais presente, mas partilho da ótica que uma coisa são movimentos sociais, outra são protestos sociais. Estes últimos ocorrem de forma esporádica, muitas vezes até mobilizam muitos manifestantes e têm a presença de alguns movimentos, coletivos, ONGs e cidadãos anônimos. Alguns protestos, mobilizações e marchas sociais e políticas dão origem a movimentos ou inserem-se/inscrevem-se em movimentos sociais. Um exemplo que já tem sido muito analisado é a *Slutwalk*, Marcha das Galdérias em Portugal, e Marcha das Vadias no Brasil, que começou através das redes sociais digitais e se estendeu a todos os continentes, constituindo um movimento global com especificidades locais de luta contra a cultura do estupro e a legitimação da violência de gênero. Esta também é uma das características dos movimentos mais recentes, o fato das tecnologias potenciarem a sua extensão a diversos contextos, sem ignorar as lutas locais que necessitam de ser travadas. Pode-se falar aqui de movimentos “glocalizados”, que utilizam mesmo as formas de ação coletiva que divergem de local para local, como é o caso dos movimentos contra a precariedade laboral e econômica, ou mesmo dos movimentos ambientalistas. Nesse contexto, é importante mencionar ainda que várias situações sociais mais recentes têm acentuado o panorama de desigualdades sociais que levam à emergência ou ressurgimento dos movimentos e lutas sociais.

O que é a Marcha das Galdérias em Portugal? E, no geral, como a mídia portuguesa noticia esse movimento?

A *SlutWalk*, tal como mencionei, consiste em um movimento transnacional que surgiu no Canadá, em 2011, com o intuito de erradicar a cultura de violação, combater a (auto) culpabilização das vítimas de violência sexual e reafirmar a autodeterminação das mulheres sobre os seus corpos. Em 2011, foi alargada a 40 países e a 200 cidades. Nesse ano, Portugal também se juntou à vaga de indignação, através da organização da *SlutWalk Lisboa* e da *SlutWalk Porto*, movimento que também ficou conhecido como Marcha das Galdérias. Este visa, portanto, a reivindicação pela apropriação dos discursos do corpo, da cidadania e dos espaços e foi isso que marcou o movimento em Portugal, que fez sobressair a necessidade de ressignificação de determinados termos considerados desfavoráveis para as mulheres, procurando descaracterizar as situações de violência sexual e de gênero. Desde o início que tem forte expressão nas redes sociais digitais, mas também tem ocupado as ruas. Em termos de cobertura noticiosa pela mídia *mainstream* pode-se questionar até que ponto a mensagem inscrita nos cartazes e corpos despidos contribui para ressignificar determinados termos e discursos, até que ponto o corpo funciona como um instrumento político e não é passada novamente a mensagem da objetificação, em uma ótica de

veiculação dos estereótipos. Algo parece falhar na midiatização porque se perguntarmos na rua quais são os objetivos do movimento a maioria das pessoas não sabe dizer e aquilo que fica é mesmo a vertente mais visual em detrimento da mensagem.

Em um mundo hiperconectado, a internet parece ter algum papel importante junto aos Movimentos Sociais, não é?

Sim. A internet potencializa o debate público e a criação de sentimento de coletividade através de espaços como as redes sociais digitais, e o *modus operandi* dos novos movimentos sociais é completamente diferenciado, encontrando-se presentes numa pluralidade de plataformas que antes era impensável. A fluidez da horizontalidade no seu funcionamento também é uma constante. Podemos referir ainda que as formas de manifestação contemplam quase sempre o digital, mas também o presencial, a ocupação das ruas, em que a participação cidadã revela a necessidade de novas formas de democracia participativa, em que se confrontam os poderes econômicos e estatais. Assim sendo, considero que o papel de discussão pública e alargada de determinadas problemáticas está muito presente nestes novos movimentos sociais, os quais são também atravessados pela junção de diversas causas. Hoje em dia vemos que os protestos e mobilizações públicas não são apenas em prol de uma causa nem integram um movimento só, mas congregam vários em simultâneo porque as lutas pelas diversas desigualdades sociais e políticas não se encontram separadas. A título de exemplo, percebemos a junção do movimento feminista, LGBTI, ambiental nos vários protestos por melhores condições de vida e contra a precariedade laboral.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Existem diferenças entre os veículos?

Em termos gerais, a imprensa e o rádio conferem maior amplitude às coberturas dos movimentos sociais do que a televisão, já que esta destaca ações dos movimentos que vivem muito através da imagem. Poderemos dar como exemplo as manifestações que desembocam em confrontos e que acabam por ser alvo de maior midiatização, o que isso ocorre na maior parte dos *media mainstream*. Há obviamente diferenças de acordo com a política editorial dos meios de comunicação, pois alguns tratam mais sobre as temáticas relacionadas com os direitos humanos e outro tipo de reivindicações sociais do que outros. Muitas vezes, difere em termos de enfoque, mas se olharmos para as fontes escolhidas e as imagens, nomeadamente das manifestações, que são os momentos com maior midiatização, não são muito diferentes. Podemos dar o exemplo da manifestação da Marchas das Galdérias ou mesmo da “Geração à Rasca”, esta última se constituiu de grandes mobilizações populares em 2011, convocadas basicamente pela internet e que reivindicava, sobretudo, trabalho, melhores condições laborais, e isso fora de institucionalização e das grandes mídias. Ou seja, o que vale destacar são as grandes mudanças em termos de narrativas discursivas que se encontram nas mídia alternativas.

De alguma forma a imprensa portuguesa contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais?

A relação entre os movimentos sociais e os meios de comunicação social nem sempre é fácil e há vários autores que têm trabalhado nessa linha em muitos contextos. No que concerne a Portugal, em primeiro lugar, não nos podemos esquecer do período ditatorial que o país viveu durante 48 anos e que deixou marcas profundas na forma de mobilização social, no apagamento da memória histórica de determinados movimentos, como é o caso do movimento de mulheres e que tem sido analisada por diversas pesquisadoras portuguesas, como é o caso da historiadora Manuela Tavares. Também é do movimento de mulheres e/ou feminista que mais posso dar exemplo porque é aquele que tenho pesquisado desde 1975. É de sublinhar uma grande dificuldade do movimento em concentrar a atenção midiática no que diz respeito às suas reivindicações e ações, sendo muitas vezes necessário causar impacto e mesmo conflito para que haja cobertura noticiosa. No dia a dia da informação as pautas do movimento têm pouca visibilidade, a não ser quando colidem ou coincidem com pautas governamentais. A midiáticação ocorre mais ligada a temáticas de violência, nomeadamente nas relações de intimidade, sendo que o enfoque dado à temática acaba por privilegiar um viés sensacionalista e aquilo que pode ser designado como uma “narrativa das coitadinhas”. Além disso, se na década de 1970 e 1980 do século passado o movimento e as suas ações tinham um enfoque mediático enquanto coletividade que luta pela igualdade de direitos e oportunidades, atualmente a tônica é em ações esporádicas, sendo que o tratamento noticioso é bastante episódico e pouco substantivo. De mencionar também que muitas vezes os estereótipos estão presentes, mesmo que de forma cada vez mais sutil, o que acaba por ser extremamente pernicioso e difícil de combater.

Existe algum exemplo marcante de como a imprensa portuguesa constrói os Movimentos Sociais?

Sim. Um exemplo que ficou bem marcado no contexto português e que demonstra essa estereotipação dos movimentos foi o chamado “episódio do Parque Eduardo VII”. Em 1975, o Movimento de Libertação das Mulheres decidiu manifestar-se no Parque Eduardo VII, em Lisboa. No comunicado anunciava que queriam queimar objetos que fossem exemplos da opressão advinda de todo o período ditatorial e que prejudicava as mulheres. A imprensa portuguesa transformou o comunicado do movimento nos seguintes títulos: “Strip-tease de contestação do MLM organizado no Parque Eduardo VII” (Expresso, 11/1/1975) e “Auto de Fé Feminista” (Diário de Lisboa, 13/1/1975). Esta cobertura noticiosa levou mais de 2000 homens ao local do evento, os quais procuraram insultá-las. Foi a midiáticação que contribuiu para uma situação de extremo machismo, sinal de uma sociedade que privilegia valores sexistas e que tem arraigado o conservadorismo. Este é apenas um exemplo da estereotipização que ficou a marcar o movimento feminista ao longo de décadas e que ainda hoje em dia é preciso desconstruir quando se fala de manifestações em prol de uma sociedade que vise a igualdade de gênero. Em suma, no

que concerne ao processo de midiaticização das ações de vários movimentos sociais, os estudos apontam para o fato de que é nos momentos de confronto e violência que existe uma maior cobertura, mas o enfoque que é dado pode contribuir para que as causas que estão a ser defendidas fiquem ofuscadas. Essa estereotipação que associa os movimentos e ativistas a violência é extremamente prejudicial para colocar determinadas agendas no espaço público e para mobilizar a opinião pública. Além disso, em certas situações o pouco tempo de preparação para a elaboração do trabalho jornalístico também reflete diretamente na cobertura que é feita, sobretudo através das imagens escolhidas, a quem se dá voz enquanto fonte, quais as citações diretas apresentadas, entre outros aspectos.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

É muito interessante analisarmos diariamente os vários meios de comunicação social e a forma como dão expressão a determinadas questões e como silenciam outras que comentadores escolhem. Isso mostra claramente quais são as vinculações políticas e ideológicas que estão por detrás, mesmo que essas não sejam admitidas sob a capa de uma “objetividade” jornalística. O mito da objetividade continua a ser a justificação para o trabalho que é feito, mesmo quando a escolha de determinada linguagem verbal e visual são fortes armas de veiculação de discursos ideológicos. Obviamente que isto é prejudicial para determinados movimentos sociais, pois estes visam ao questionamento da ordem social vigente e muitas vezes as mídias acabam por contribuir para cristalizar estereótipos em vez de fomentar os discursos de resistência social.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Houve momentos em que a cobertura noticiosa do movimento de mulheres e/ou feminista foi prejudicial para colocar as agendas e lutas no espaço público. Um exemplo foi em torno do referendo pela despenalização da interrupção voluntária da gravidez, em que as mídias ou silenciavam a questão ou davam voz aos grupos opositores. Isto levou a que a mudança social/de lei demorasse muitos anos. Este é um exemplo que demonstra que o passado ditatorial tem repercussões muito visíveis quando os movimentos sociais tentam colocar determinadas agendas na esfera pública, governamental e mediática.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade?

De modo extremamente sucinto, pode dizer-se que os meios de comunicação social são fundamentais para os movimentos sociais, uma vez que permitem dar-lhes voz no espaço público, colocar as suas iniciativas, objetivos e causas, bem como contribuir para granjear apoiadores e mobilizar a opinião pública. São espaços de (in)formação e, por isso, a mediação acabar por potenciar uma discussão mais alargada sobre determinado tipo de questões e reivindicações. Claro que muitos movimentos sociais não têm visibilidade nos meios de comunicação social e quando a têm não contribui para a legitimidade das causas defendidas e para que se consiga a tão almejada mudança social. Quando me refiro aos meios de comunicação social estou a focar-me nos *media mainstream* ou corporativos (dependendo da designação utilizada), que se encontram subjugados a diversas lógicas de poder, as quais influenciam fortemente a cobertura noticiosa que é feita de determinadas temáticas.

Nesse caso, existem saídas possíveis para enfrentar os media mainstream?

Sim. Penso que sim, mas é fundamental que os movimentos sociais definam claramente uma estratégia de comunicação que lhes permita criar aquilo a que Van Zoonen (1992) apelidou de “identidade pública” para se referir aos movimentos de mulheres, mas que pode ser transposta para qualquer movimento social. Esta estratégia de comunicação passará por criar uma mensagem articulada para os *media mainstream*, mas também utilizando outros espaços que lhes permitam chegar a um espaço público cada vez mais fragmentado e colocar as suas agendas na discussão pública. Com a proliferação das plataformas digitais verifica-se uma transformação do paradigma da comunicação, permitindo que a mediação também possa ser exercida pelos cidadãos e pelos movimentos sociais de outra forma. Há, por isso, uma maior participação cidadã no espaço público e as estratégias de comunicação passam, em muitos casos, pelo digital, devido às suas potencialidades, nomeadamente por serem de fácil acesso e manuseamento, gratuitos e permitir chegar a diversos públicos.

Claro que muitas vezes a comunicação só atinge determinados nichos, isto é, pessoas que já possuem um posicionamento crítico face a determinadas questões e que já apoiam os movimentos e a palavra fica em circuito bastante fechado. Todavia, é através destas plataformas que também se colocam questões no espaço público, que se denunciam situações e que se pode dar a conhecer os movimentos e as suas múltiplas agendas. Insisto na necessidade de definir uma estratégia de comunicação consertada que permita esse diálogo direto com a sociedade, utilizando as várias plataformas digitais, uma vez que um dos grandes problemas é não saber comunicar adequadamente mediante as plataformas que estão disponíveis. Em certas situações é melhor não aderir a determinadas plataformas do que não saber comunicar através delas e essa noção tem ainda de ser trabalhada.

As dificuldades em termos de recursos humanos e econômicos de muitos movimentos sociais levam a essas situações de “amadorismo” na forma de comunicar e que podem ter repercussões na imagem que se cria. É importante mencionar igualmente a importância da emergência e da proliferação das mídias alternativas e ativistas, os quais assumem um papel fundamental para visibilizar os movimentos sociais. Estes caracterizam-se não só por apresentar uma outra visão/versão do mundo e dos acontecimentos, mas por transmitir múltiplas visões/versões, tal como tem explicado nos seus trabalhos Chris Atton, um estudioso desta área.

Qual sua avaliação sobre os Movimentos Sociais em Portugal: mais retrocessos ou mais avanços?

Considero que atualmente estamos numa fase que demonstra claramente os avanços e os retrocessos, e estes ocorrem simultaneamente. Por um lado, assistimos à proliferação de plataformas digitais consideradas alternativas, ou melhor, daquilo que é designado como jornalismo alternativo e crítico e que nos possibilita o contacto com discursos completamente diferenciados da ordem social dominante. Por outro, assistimos a uma midiáticação de certos acontecimentos, temáticas e movimentos que contribui para visibilizar discursos que acentuam as desigualdades sociais e ainda as legitimam. O chamado “politicamente correto” convive com discursos sexistas, xenóforos, racistas e estes têm espaço midiático. Quando isto acontece percebemos que há uma tensão muito grande no espaço público e que a opinião pública está muitas vezes mal informada e isso vai colocar em causa a consecução da democracia.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

